

Ásia / Coréia do Sul

‘Mulheres do mar’, pescando e virando a mesa

As mulheres do mar na costa sul da Coréia do Sul estão entre os mergulhadores mais qualificados e resistentes do mundo

Contribuição Especial do *Jornal Udo*, por Norimitsu Onishi

UDO ISLAND, Coréia do Sul — Em uma manhã fria, chuvosa, as mulheres do mar dessa pequena ilha, pegaram suas roupas pretas de mergulho, ajustaram os óculos de proteção e nadaram através das ondas. Por várias horas, elas mergulharam para alcançar o fundo, prendendo a respiração por cerca de um minuto antes de voltarem à superfície. Algumas vezes, várias mergulhavam juntas, seus pés de pato aparecendo rapidamente, lembrando um balé aquático.

Tal ilusão durava até que elas voltassem à tona, uma tendo capturado um polvo, outra um ouriço do mar e, olhando-se de perto, aqueles rostos queimados de sol por detrás dos óculos revelavam serem mulheres em seus 50, 60 anos de idade, mesmo mais velhas.

As mulheres do mar em Udo e na ilha maior, Cheju, ao largo da costa sul da Coréia do Sul, estão entre as mergulhadoras naturais mais habilidosas e resistentes no mundo. Ao longo do ano elas sondam o fundo do mar sem equipamento para respirar em baixo d'água, em mergulhos de um a dois minutos nos quais se combinam destreza, desejo e morte.

“Toda vez que eu vou”, disse Yang Jung Sun, 75 anos, “Eu sinto como se eu estivesse indo para o outro lado do mundo. Quando eu vejo algo que eu posso vender, eu vou em busca daquilo. Quando eu fico sem ar, eu me puxo para fora da água. Fica tudo escuro na minha frente. Meus pulmões doem. Nesse momento, eu sinto como se estivesse morta. Acontece toda vez. Toda vez. Eu digo para mim mesma que eu não vou mais mergulhar. Eu sempre digo isso. Mas a ganância me faz voltar”.

Desde o final dos anos 1970, as exportações de frutos do mar para o Japão tornaram as mulheres do mar mais ricas do que elas jamais podiam imaginar, possibilitando-lhes arrumar suas casas, adquirir casas novas na Cidade de Cheju e mandar suas filhas para o colégio.

Algumas das melhores mergulhadoras, como Yang



Hwa Soon, 67, que não é parente da senhora Yang mais velha, ganha agora cerca de \$30,000 por ano. A maioria mergulha dez dias por mês, mas também trabalham nos campos. Com o turismo popularizado nessa região, muitas mulheres do mar ainda mantêm restaurantes e pousadas.

Mas o próprio sucesso de sua pesca significa que, dentro de uma década ou duas, com as filhas preferindo trabalhar na indústria do turismo na ilha ou nas maiores cidades, essa história de 1.700 anos no mar de Cheju vai provavelmente chegar ao fim. Em 2003, 5.650 mulheres do mar estavam registradas em Cheju, das quais 85 tinham mais de 50 anos de idade. Apenas duas tinham menos de 30 anos.

“Nós estamos no fim,” Ms. Yang Jung Sun disse, com satisfação estampada em seu rosto. “Eu disse para minha filha não fazer isso. É muito duro.”

Os homens mergulharam até o século XIX mas consideraram que o trabalho não era lucrativo porque eles, ao contrário das mulheres, tinham de pagar altas taxas, disse Ko Chang Hoon, professor na Cheju National University. Assim, as mulheres assumiram o que era considerado o mais baixo dos trabalhos e se tornaram o principal ganha pão das famílias.

Essa prática ia de encontro à cultura confucionista da Coréia, na qual as mulheres tinham sido tradicionalmente tratadas como inferiores, levando os administradores de Seul a impedirem as mulheres de mergulhar, declarando que enquanto mergulhavam expunham partes nuas do corpo. “O governo central proibiu as mulheres de mergulhar, mas as mulheres deram a eles alguns ‘abalones’ (moluscos) para eles fazerem vista grossa”, disse o Professor Ko, cuja mãe

e avó foram mulheres do mar.

Como esperado, as mulheres do mar tinham mais poder nas localidades que dependiam mais dos produtos do mar que da agricultura. Na ilha de Mara, onde os produtos marinhos representavam a principal fonte de renda até o desenvolvimento do turismo nos últimos anos, os papéis entre os sexos tinham sido totalmente revertidos.

Em seu estudo sobre a ilha de Mara, Seo Kyung Lim, professor na Cheju National University e filho de uma mulher do mar, verificou que homens cuidavam das crianças, faziam compras e alimentavam os porcos. As mulheres administravam os lares e a comunidade. Se os maridos se zangassem com elas, disse Professor Seo, “elas podiam simplesmente dizer a eles para saírem de casa”.

Em Cheju, as forças do mercado prevaleceram sobre a preferência de filhos homens, baseada no confucionismo. “Se nascia um menino, as pessoas não celebravam”, disse Professor Ko. “Se menina, comemoravam, porque eles sabiam que a menina poderia vir a mergulhar e trazer dinheiro para a família.”

Em Udo, embora a agricultura representasse um terço dos rendimentos dos moradores e os produtos do mar o restante, o status das mulheres também era alto. “Nós sempre fizemos mais dinheiro que os homens,” disse Yang Jung Sun. “Eles faziam apenas o suficiente para se alimentarem. A gente pagava pelo combustível e pela escola. Tudo.”

Talvez compreendendo que os homens escutavam, inclusive o chefe de uma associação local de pesca, a Sra. Yang adicionou, com um sorriso que cobria a distância entre suas palavras e a realidade: “Como é que as mulheres podem ter mais poder em casa? Só tem um capitão em uma casa e esse capitão é o pai”.

As garotas começam a ir ao mar com idade de 8 a 10 anos, primeiro coletando algas na beira. As melhores mergulhadoras podem mergulhar a 40 pés de profundidade e prender a respiração por até dois minutos. (A fim de evitar a sobrepesca, o uso de equipamentos de respiração é ilegal.)

Com um instrumento plano preso ao pulso, as mulheres do mar procuram remover os abalones de debaixo das pedras. Ocasionalmente, contudo, o abalone prende o instrumento e a pescadora pode ficar presa ao fundo. Pelo menos uma mulher morre todos os anos durante um mergulho.

Como o número de mulheres do mar está diminuindo, e com o turismo trazendo para os homens de Cheju mais oportunidades de ganho, não há certeza sobre

como ficará o status das filhas das mergulhadoras nas comunidades e no lar. O que está claro é o sentimento de que o fim de alguma coisa está próximo.

“Quando eu queria ir mais fundo, até o ano passado eu me forçava a ir mais fundo,” disse Yang Hwa Soon. “Agora eu sinto que estou envelhecendo. Quando eu quero ir mais fundo, ao invés de me lançar, eu decido não ir. Eu comecei a me sentir mais velha no ano passado, depois que eu fiz 65 anos.”

Este artigo do New York Times foi reproduzido no jornal Seoul Times de 20 de outubro de 2005 (<http://theseoultimes.com/ST/?url=/ST/db/read.php?idx=1495>)